

# ANIS A BRUXINHA

Maria de Regino

Apresentação:



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Este projeto foi contemplado pela Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural,  
no edital de Premiação de Produtos Culturais.



# ANIS, A BRUXINHA

Maria de Regino

Ilustrações: Maria de Regino

SECULT  
Secretaria de Estado  
de Cultura



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Este projeto foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc e é uma realização do Ministério do Turismo, da Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal, Governo de Goiás, Secretaria de Estado de Cultura de Goiás

Eu sou Anis. E essa mulher engraçada, com um olho verde e outro azul, sorrindo na foto aí do lado, é minha avó Belatrix. Ela tem nome de estrela, mas não é fada, nem anjo. Vó Belatrix é uma bruxa verde, especialista em plantas mágicas, e tem mania de colocar nomes de chás e de temperos nos filhos e netos.



O filho mais velho de minha avó se chama Açafreão. Tia Cúrcuma, a filha do meio, é gordinha e adora cozinhar. Quando era mais nova e mais magrinha, conheceu o tio Drúzio, se casaram e tiveram três filhos: primo Alecrim e as gêmeas Sálvia e Malva. Os nomes de todos nós foram escolhidos por minha avó, é claro. Eu sou a neta mais nova de vó Belatrix. Passo com ela a maior parte do tempo, porque minha mãe, Melissa, precisa trabalhar.

A casa da minha avó é legal, mas tem uma coisa que eu não gosto nem um pouco: a hora da dormideira. Depois do almoço, vó Belatrix dorme na rede, o gato Pimenta, no tapete, e Salsa, a cachorrinha, dorme enroscada entre a parede e o vaso de comigo-ninguém-pode. Dali a pouco, todo mundo começa a roncar.



Como eu não gosto de dormir de dia, na hora da dormideira eu pego uma revista e vou ler no sofá. Mas às vezes o tempo se espicha, parece que não quer passar. Naquela tarde, o relógio, com preguiça, fazia “tic” e levava um tempão pra fazer “tac”. Minha avó roncava comprido, assobiadinho, e quando ela ronca assim, demora demais pra acordar.

Então eu resolvi dar uma fuga até o porão, onde fica a biblioteca e o laboratório de magias da vovó. Peguei um livro de receitas mágicas e comecei a folhear. Esse livro de magia, que é muito antigo, ensina a fazer poções de amor, unguentos mágicos, e mais uma porção de feitiços. Virando as páginas, encontrei

uma receita interessante. Parecia bem fácil e ensinava a encolher, até ficar do tamanho de um dedinho.

Encontrei tudo o que precisava para fazer o meu feitiço na estante onde minha avó guarda seus ingredientes de bruxaria: treze gotas de orvalho de noite de lua cheia, três escamas de dragão, anteninhas de mariposa, areia encantada da caverna dos gnomos e uma pena de avestruz.

A mesa de mágicas de vó Belatrix é muito alta e por isso eu precisei subir em uma cadeira. Afastei os potinhos de ervas para um canto e, seguindo a receita, fiz um triângulo com as escamas de dragão. No meio do triângulo coloquei a areia encantada e espalhei por cima as anteninhas de mariposa, antes de pingar as gotinhas de orvalho na areia encantada. No final da página, ao lado de um asterisco, tinha um aviso:

*“Para um bom resultado da mágica de encolhimento, use o seu chapéu de ponta de caracol.”*

E agora? Eu não tenho um chapéu de ponta de caracol. Só vou ganhar o meu primeiro chapéu quando terminar as lições de introdução à bruxaria elementar. Então fui procurar na estante de chapéus da minha avó. Na prateleira mais alta da estante, encontrei um chapéu de feltro azul, forrado de cetim, com abas bem largas e a ponta fazendo voltinhas que lembravam um caracol.



Coloquei o chapéu na cabeça, mas ele era grande demais e afundou até o meu nariz. Então, equilibrei um lado do chapéu na orelha esquerda e segurei a aba com a mão direita. Depois, ergui bem alto a pena de avestruz e li em voz alta o encantamento:

*“Luar de prata, areia fina, areia me faz ficar pequenina.”*

Devo ter errado alguma coisa, porque em vez de encolher descendo, da cabeça para os pés, encolhi dos pés para a cabeça. O chapéu caiu para um lado, virou de ponta para baixo e ficou entalado entre a mesa e a cadeira. Foi uma sorte eu não ter soltado, com o susto, a pluma de avestruz. Bem devagar, como se fosse um paraquedas, a pluma foi caindo, caindo, e caiu dentro do chapéu.



Passei por uma nuvem cor-de-rosa, um aeroplano azul, um passarinho verde, uma pipa amarela... Mal tocamos o chão, a minha pluma-para-quedas virou uma avestruz de rabo emplumado, que me perguntou com uma voz engraçada:

— O que é o que é que cai em pé e corre deitada?

A adivinha era tão boba que não dava nem vontade de responder, mas respondi:

— É a chuva.

Mal acabei de falar, começou a cair uma chuvinha fina e gelada.

Como o leque de penas do rabo da avestruz tampava a minha visão, dei um passo para o lado. Mas a avestruz acompanhou o meu passo e continuou plantada diante de mim.

— E o que é que sobe só quando a chuva cai?

Respondi que era o guarda-chuva, e pensei que aquela avestruz precisava reciclar suas adivinhas, que eram todas bem velhinhas. Ela então virou a cabeça para trás e tirou do meio das plumas um guarda-chuva com todas as cores do arco-íris. Ficamos embaixo do guarda chuva, esperando a chuva passar.

Eu estava em algum lugar, dentro do chapéu de minha avó, e como todo lugar tem um nome, resolvi perguntar:

— Você que é tão espertinha, sabe o nome desse lugar?

— O quê?

— O nome desse lugar.

— O quê?

Pensei que a avestruz era surda e repeti bem devagar:

— Que-ro-sa-ber-on-de-é-que-a-gen-te-es-tá.

Em vez de responder logo a minha pergunta, a avestruz veio com mais uma adivinhação:

*Qualquer coisa que não existe*

*Que ninguém viu, nem verá,*

*Mas responde a sua pergunta:*

*“Onde é que a gente está?”*

*O que é?*

Uma coisa que não existe e que ninguém viu, nem verá... Aquela adivinha parecia mais difícil e eu resolvi pedir uma pista.

— Tem quatro letras, disse a avestruz.

— E começa com...

— Começa com a letra ene.

Eu não tinha certeza, mas resolvi arriscar.

— É “nada”?

— Isso mesmo. Acertou.



Resolvi dar uma volta para espiar melhor o nada daquele lugar nenhum, mas a avestruz continuava plantada na minha frente. Eu, que já estava para perder a paciência com ela, disse, bem séria:

— Quer fazer o favor de me deixar passar?

Sem sair do lugar, ela disse, bem séria também:

— Então responda, bem depressa, sem pensar:

*Não é parede ou telhado,  
Não fica dentro nem fora,  
Mas numa casa sem ela  
Certamente ninguém mora.  
O que é?*

Eu não estava com nenhuma vontade de pensar em adivinhas, então pedi uma pista:

— Começa com a letra jota.

Pensei então que, se não era parede, nem telhado, se não ficava dentro e nem fora... começando com jota...

— Janela! Só pode ser janela.

— Acertou, pode passar.

A avestruz deu um pulinho para o lado e, bem na minha frente, no meio do nada, vi uma janela fechada. A chuva havia passado. Andei em volta da janela, olhei de um lado, de outro, mas era só uma janela fechada flutuando no ar.

Como eu estava no meio de nada, sem nada para fazer, abri a janela. Do outro lado, apareceu uma plantação de melancias. Pulei aquela janela estranha, bem depressa, e a avestruz pulou atrás. Ela devia estar com muita fome, pois engoliu uma, duas, três melancias de uma vez. Depois da comilança, sacudiu o pescoço e perguntou:

— Três avestruzes comem três melancias em três minutos. Cem avestruzes comem cem melancias em quantos minutos?

Eu já estava cansada de adivinhas. Virei as costas para aquela avestruz tagarela e saí andando pelo melancial. Ela deixou de lado as melancias e veio atrás de mim.

— Então? Em quantos minutos? Hein? Hein?

Lembrei da rapidez com que a avestruz tinha comido as melancias e pensei que se alguém soltasse cem avestruzes em uma plantação de melancias, em três minutos não ia sobrar nada, nem as cascas. Então respondi:

— Três minutos.

A avestruz piscou três vezes e balançou a cabeça, confirmando a minha resposta. Quando vi que ela ia abrindo a boca para outra adivinhação, fui mais rápida do que ela e perguntei:

*Imagine uma casa verde e dentro dela uma casa branca.*

*Dentro da casa branca há uma casa vermelha.*

*Dentro da casa vermelha dormem quietinhos muitos bebês.*

*O que é?*

A avestruz balançou a cabeça para um lado, depois para o outro, e ficou pensando. Enquanto ela pensava, saí andando e pensando também. Quando fiz o feitiço, o que eu queria era ficar pequena, para ver melhor o mundo das coisas miudinhas, que eu gostava de olhar com a lupa da minha avó. Queria montar nas costas de um besouro e entrar dentro de uma flor, como Polegarzinha, a menina que dormia numa casca de noz. Quem sabe até se não podia brincar de tomar banho de chá de jasmim na xícara de porcelana chinesa da vovó?

Mas em vez disso, tinha caído dentro de um chapéu com uma avestruz tagarela, maníaca por adivinhas. Assim que pensei na avestruz ela gritou:

— Já sei! É a melancia! Depois da casca, que é verde, vem a parte branca. Depois da branca, vem a vermelha, que tem uma porção de sementinhas. As sementes são os bebês que dormem quietinhos. Acertei? Acertei?

A avestruz comemorava pulando na minha frente e eu só conseguia pensar que precisava descobrir um jeito de sair dali. Para ter um pouco de sossego, antes que a avestruz viesse com outra adivinha, perguntei:

*O que é o que é?*

*A água não molha e o fogo não queima,*

*o vento não leva e a chuva não encharca.*

Enquanto a avestruz pensava, olhei o céu azul, de onde eu tinha caído, pendurada na pluma. Lá em cima, bem no alto, vi um círculo escuro, feito uma lua de sombras, que devia ser a boca do chapéu. Senti um friozinho na barriga. E se eu ficasse ali a vida toda com aquela avestruz doida por adivinhas? Antes de fazer a mágica para encolher, eu bem que podia ter aprendido a desfazer. E agora? Como ia sair de dentro daquele chapéu?

A avestruz choramingou que não conseguia resolver a adivinha e pediu uma pista:

— Começa com que letra?

— Com a letra “S”.

— E tem seis letras?

Contei nos dedos: uma letra, duas, três...

— Tem sim.

— Então já sei! É a sombra!

De repente, ouvi um grito que parecia um trovão:

— Aniiiiis!

Hi... era a minha avó. O chão tremeu e tudo ficou de pernas para o ar. Eu e a avestruz começamos a cair para cima, em direção à boca do chapéu. Fechei os olhos e, quando abri de novo, estava sentada na palma da mão de vó Belatrix. Ela me olhava com a lupa, como se eu fosse uma lagartinha. Então eu disse “oi” e acenei, meio sem graça. Ela tentou fazer cara de brava, mas vi que estava mesmo era com vontade de rir.

— Anis, anis... o encantamento só termina à noite, quando o sol se põe. Você vai ficar o resto do dia assim, do tamanho de um dedinho.

Contei para a minha avó os porquês de eu querer ficar pequenininha e da vontade que eu tinha de nadar em chá de jasmim. Então ela encheu uma tigela com chá morno e colocou na mesa, ao lado do computador. Depois ficou me olhando com uma cara engraçada, como se estivesse lembrando das travessuras que ela já fez. Olhei para o olho verde de minha avó Belatrix e, na parte preta, bem no meio, vi passar uma nuvem cor-de-rosa, um avião azul, um passarinho verde e uma pipa amarela...



— Amanhã, Anis, bem cedinho, vamos passear, nós duas, dentro do meu chapéu?

### **Sobre a autora:**

Nasci e cresci no Rio de Janeiro, em um tempo em que as praias da Baía de Guanabara ainda tinham águas limpas e transparentes. Vivi em São Paulo, Minas Gerais, e hoje moro em Goiás, em uma chácara pequena, onde plantei muitas árvores, criei meus filhos e escrevi meus primeiros livros.

Aprendi a ler muito cedo e nunca mais parei de ler. Para mim a leitura é algo tão necessário como respirar, tão imperativo como viver. Sou professora de Literatura e nada me faz mais feliz do que transformar um não-leitor em alguém que lê com prazer verdadeiro.

Gosto de escrever histórias fantásticas, onde predomina o insólito e o inesperado, pois acho que a vida não é só isso que os nossos olhos podem ver. E faz parte do ofício do escritor apontar os mistérios que flutuam entre o céu e a terra.

*Maria de Regino*

Site: [www.mariaderegino.com.br](http://www.mariaderegino.com.br)

E-mail: [smregino@gmail.com](mailto:smregino@gmail.com)

## **Obras da autora**

*Caminho do sonho* – 1983

*Do jeito que o diabo gosta* - 1984

*Depois do Caos* - 1990

*Muito além da imaginação* - 1992

*O planeta do amor eterno* - 1993

*Memórias da escuridão* - 1995

*Língua de Trapo* - 1997

*É duro ser criança* - 1997

*Eu e minha Cama* -1997

*Por causa de um pé* - 1997

*O coral dó-ré-minhoca* - 1997

*O código secreto* – 2005

*Menino Passarinho* – 2009

*Três luas de verão e uma figueira encantada* – 2019

## **Traduções e adaptações**

*Teogonia e Trabalhos e Dias, Hesíodo* - 2010

*Apologia de Sócrates, Platão* - 2013

*Antígona, Sófocles* – 2014

*Enuma Elish- o poema mesopotâmico da criação* - 2019

*Odisséia, Homero* - 2019 (adaptação para livro audiovisual português/ libras)